

CAMINHOS ENTRECruzADOS: LIBERDADE E DEMOCRACIA EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E ASSIS CHATEAUBRIAND

JÚLIA SILVEIRA MATOS*

RESUMO

Ao analisarmos os escritos de Assis Chateaubriand e Sérgio Buarque de Holanda entre 1929 e 1932, percebemos que as afirmações de ambos não eram incongruentes e sim partes de um projeto maior de política, ancorado principalmente sobre os princípios de liberdade e de democracia. No pensamento chateaubriandiano e buarquiano, como analisaremos aqui, ambos os princípios são intimamente interdependentes, pois liberdade não seria alcançável em um Estado ditatorial.

PALAVRAS-CHAVES: liberdade; democracia; imprensa.

ABSTRACT

By analyzing the writings of Assis Chateaubriand and Sergio Buarque de Holanda between 1929 and 1932, their claims were found not to be inconsistent, but rather a part of a wider political project, primarily grounded on the principles of freedom and democracy. In their thoughts, these principles are intimately dependent on each other, given that freedom would not be achievable in a dictatorial State.

KEY-WORDS: freedom; democracy; press.

“a linguagem vai além dos signos”.
Maurice Merleau-Ponty

O império jornalístico fundado por Assis Chateaubriand teve seu princípio com a compra do *O Jornal* em 1924, de Renato Toledo Lopez. Nos anos que se seguiram a essa compra, o jornalista moldou a postura oposicionista de seu jornal e enfrentou a perseguição e o estado de sítio implementados pelo governo de Arthur Bernardes. Desde o primeiro momento, Chateaubriand procurou se rodear de intelectuais, jornalistas e administradores capazes.

* Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI-FURG, jul_matos@hotmail.com

Sérgio Buarque de Holanda, que trabalhava no jornal desde a fundação, devido a sua amizade com o proprietário, foi mantido na redação pelo novo dono. No entanto, pouco atuou entre 1924 e 1927, ano em que apareceu a primeira reportagem assinada por ele no *O Jornal*. Seu destaque na rede ocorreu apenas entre 1929 e 1930, quando foi correspondente na Alemanha para o *Diário de São Paulo* e *O Jornal*.

Nesse período justamente, ambos colocaram suas idéias e visão política em evidência, diante das exigências do cenário pré-eleitoral e de crise econômica em que se encontrava o Brasil. Seus artigos formataram a face aliancista da rede em expansão de Assis Chateaubriand. A campanha encabeçada e defendida nas páginas dos jornais que formariam a rede Diários Associados podia ser vista nas críticas veiculadas pelos artigos de Chateaubriand, e de forma diferente, pelas matérias de Sérgio Buarque de Holanda. O primeiro optava por artigos de crítica direta ao contexto político pré-eleitoral, enquanto o segundo, na posição de correspondente no exterior, ancorava as análises em suas percepções do cenário europeu e de análises veiculadas pela imprensa alemã.

Dessa forma, o engajamento político-filosófico de Sérgio Buarque e Assis Chateaubriand aos ideais que motivaram outubro de 1930 ocorreu declaradamente ainda na metade de 1929. Ambos participaram de formas diferentes do processo de formação e propaganda da Aliança Liberal, partido que apresentou a candidatura de Getúlio Vargas e que liderou a revolução.

Esse apoio primeiramente ocorreu com a participação direta de Assis Chateaubriand nas negociações partidárias entre o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Assim, podemos perceber que a aproximação tanto de Sérgio Buarque quanto de Assis Chateaubriand ao movimento revolucionário de 1930 não ocorreu de forma oportunista ou casual, antes foi o efeito de aspiração e esperança nas potencialidades transformadoras que tal evento projetava.

A imagem do jornalista preocupado com a veiculação da notícia, apresentada nas obras de Fernando Morais e Glauco Carneiro, poderia nos levar a ver Assis Chateaubriand como um personagem incongruente no cenário político nacional, como nos afirmou Morais:

Quando tentava explicitar melhor seu norte ideológico, a confusão só aumentava. Em artigos sucessivos, ora dizia que suas empresas só existiam **'como instrumento da ação conservadora para a defesa dos interesses da produção brasileira'**, ora criticava o governo federal 'por acreditar em patranhas que querem convencer as autoridades brasileiras

da existência de uma conspiração bolchevista, prestes a estourar entre nós', e protestava ao ver que 'o direito de reunião dos nossos trabalhadores vem sendo perturbado por incursões intempestivas da polícia, com disparos de tiros a esmo que acabaram matando operários inermes'. Quando os artigos de Mussoline e Primo de Rivera se tornavam muito frequentes, deixando no ar suspeitas de simpatia pelo extremismo que germinava na Europa, era taxativo: **'Nenhum diário tem divergido mais do fascismo do que nós**. Se o sr. Mussolini possui admiradores, não se encontram em nossas colunas' (MORAIS, 1994:185 – grifo nosso).

Essas afirmações de Chateaubriand, reunidas na citação de Fernando Morais, pareceram aos olhos do autor uma confusão “ideológica”. No entanto, podemos observar que em tais afirmações encontramos três princípios basilares do pensamento chateaubriano: 1º) a defesa da indústria nacional: “suas empresas só existiam **'como instrumento da ação conservadora para a defesa dos interesses da produção brasileira'**”; 2º) Crítica ao cerceamento das liberdades: **“protestava ao ver que 'o direito de reunião dos nossos trabalhadores vem sendo perturbado por incursões intempestivas da polícia’”**; 3º) Oposição às ditaduras: **“Nenhum diário tem divergido mais do fascismo do que nós”**¹. Ao analisarmos dessa forma, percebemos que as afirmações de Chateaubriand não eram incongruentes e sim partes de um projeto maior de política, ancorado principalmente sobre o segundo e o terceiro princípios elencados por nós na citação de Morais. No pensamento chateaubriano e buarquiano, como analisaremos aqui, ambos os princípios são intimamente interdependentes, pois liberdade não seria alcançável em um Estado ditatorial.

O pensamento de Chateaubriand se diferencia do de Sérgio Buarque de Holanda por sua ênfase na defesa das liberdades, muito mais tênue no segundo, e se aproxima, ao mesmo tempo, por sua crítica ao sistema ditatorial de governo. Entretanto, as críticas e propostas políticas de ambos somente alcançam substancial significação quando devidamente relacionadas com seu contexto desencadeador.

As propostas de Assis Chateaubriand e Sérgio Buarque de Holanda foram intensamente veiculadas entre os anos de 1929 e 1932 nos jornais *O Jornal*, *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite* (SP), período balizado por dois eventos que transformaram o cenário político nacional. O primeiro, a Revolução de outubro de 1930, foi desencadeado pelo

¹ Grifos nossos.

processo eleitoral anterior, e o segundo, a Revolução Constitucionalista de 9 de julho de 1932, eclodiu em resistência e crítica ao sistema ditatorial que se implantava no país pelo Governo Provisório liderado por Getúlio Vargas.

O primeiro evento basilar das atividades jornalísticas de nossos dois intelectuais foi muito mais do que uma troca de governantes: representou o fechamento de um ciclo chamado “política café-com-leite”. Com a queda de Washington Luís foi encerrada a República Velha e iniciada a República Nova, marcada pelo governo varguista, que durou quinze anos.

Nesse sentido, precisamos perceber que a queda da Primeira República teve como motor, entre outros fatores sociais e econômicos, a formação e a conspiração da Aliança Liberal e sua oposição eleitoral em 1930, iniciada um ano antes, conforme discorreu Glauco Carneiro (1999).

Tradicionalmente, a historiografia enfatiza o papel central de políticos como Antônio Carlos (presidente do Estado de Minas Gerais) e João Neves da Fontoura (deputado estadual) na trama e efetivação da aliança estabelecida entre Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba para a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República, em oposição a Júlio Prestes, candidato situacionista. Segundo Luciano Aronne Abreu, “Antônio Carlos passa a articular, junto a representantes gaúchos no Congresso Nacional, a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, em oposição ao nome de Júlio Prestes” (ABREU, 1996:92). No entanto, conforme relataram Glauco Carneiro e Fernando Morais, muito antes de Antônio Carlos dar início às negociações com Vargas, o jornalista já fazia as vezes de “alcoviteiro”, trocando informações entre os dois governadores.

O envolvimento e apoio de Chateaubriand à formação da Aliança Liberal teve como ancestralidade sua direta amizade com Getúlio Vargas, estabelecida durante a permanência deste como ministro da Fazenda, no governo de Washington Luís. A amizade entre o jornalista e o ministro se solidificou de tal forma que ainda em novembro de 1927, antes mesmo de Vargas deixar o ministério, Chateaubriand já ressaltava suas qualidades de estadista, no artigo intitulado “O cavalheirismo gaúcho”, e o apontava como “um desses temperamentos de que tanto o Brasil carece a fim de restabelecer a harmonia da família republicana” (*O Jornal*, 25 nov. 1927).

Nessa referência o jornalista claramente insinuou que Vargas seria o candidato ideal para a sucessão presidencial federal, e ao mesmo tempo o qualificou para a presidência do estado do Rio Grande do Sul, para a qual foi eleito no ano seguinte. No mesmo artigo,

Chateaubriand exaltou os gaúchos como aqueles que viram a guerra face a face e mesmo assim não deixaram de respeitar seus inimigos; e enfatizou que todos demonstraram o esquecimento “das lutas fratricidas”. Nessa citação, o que seria um elogio aos gaúchos se configurou numa crítica à política empreendida pelo governo federal de perseguição aos “inimigos” e opositores, tema muito recorrente em suas reportagens entre os anos de 1929 e 1932.

Os elogios não pararam e não foram menores em 25 de janeiro de 1928, quando da posse de Vargas para a presidência do Estado. Nessa data, escreveu Chateaubriand que o candidato eleito ao governo rio-grandense estava colocado entre as forças que se entrecocariam na sucessão presidencial do Brasil e que Getúlio Vargas era a “a única ponte” que todos poderiam atravessar. Assim, seu apoio à pessoa de Vargas era declarado nas páginas do *O Jornal*, órgão líder da expansiva rede jornalística que se formou nos anos subseqüentes.

Assis Chateaubriand em 1928 foi recebido por Getúlio Vargas para uma entrevista, logo após a sua posse no governo do estado do Rio Grande do Sul. De acordo com Fernando Morais, no final dessa conversa Vargas anunciou que sua primeira viagem seria para o estado de São Paulo, a convite de Júlio Prestes, então governador paulista. Em resposta imediata, Chateaubriand perguntou a Vargas por que não aproveitava e ia também a Minas Gerais, e Vargas respondeu que pelo simples fato de que não fora convidado. Nesse momento, o jornalista deu início ao seu plano de unir os dois estados, através da aproximação de Vargas e Antônio Carlos, governador mineiro. De acordo com Morais,

Antes mesmo de embarcar para o Rio, Chateaubriand telegrafou a Afrânio de Melo Franco pedindo-lhe que revelasse com urgência o episódio de Antônio Carlos, insistindo que era “vital que Vargas fosse convidado a estender sua viagem a Minas”. Ao entrar na redação de *O Jornal*, já encontrou Afrânio à sua espera: – Falei com Antônio Carlos e ele pede que você seja o portador oficial do convite a Getúlio. Chateaubriand recusou a honraria [...] Sugeriu que o porta-voz do governador mineiro fosse o irmão de Antônio Carlos, José Bonifácio [...] Semanas depois, na recepção a Vargas no Palácio da Liberdade, sede do governo mineiro, Chateaubriand não escondia o entusiasmo por ter sido ‘o santo Antônio que alcovitou um namoro que pode mudar a cara do Brasil’ (MORAES, 1994:176).

Como explicitou Morais na citação acima, Chateaubriand foi o alcoviteiro da aproximação entre Getúlio Vargas e Antônio Carlos. Esse encontro, idealizado e promovido pelo jornalista, possibilitou o pacto estabelecido entre os estados e a formação da Aliança Liberal, órgão

que não apenas promoveu a oposição à candidatura oficial, mas que principalmente aglutinou em torno de si os combatentes do movimento de 1930.

O resultado dessa união foi proclamado com entusiasmo por Chateaubriand no editorial de 15 de janeiro de 1929 do *Diário de São Paulo*: a candidatura de um gaúcho para a presidência da República. Segundo Fernando Morais, “Era a primeira vez que alguém cometia a insolência de vir a público propor o fim da chamada política do café-com-leite, que por quatro décadas, como ele próprio assinalara, garantira aos estados de Minas Gerais e de São Paulo um revezamento quase ininterrupto na chefia da nação, ignorando as lideranças do resto do país” (MORAIS, 1994:196). Se foi ou não a “primeira” vez, como referiu Fernando Morais, que alguém se opôs publicamente à política café-com-leite, não nos é central, o que nos chamou atenção foi a audácia do jornalista em criticar as bases do governo em vigência, herdeiro dessa tradição. No entanto, é preciso salientarmos que já nesse momento havia rumores de que Washington Luís pretendia romper com a tradição acordada entre Minas e São Paulo, através da indicação de Júlio Prestes para a sucessão presidencial. Por isso, a crítica de Chateaubriand não era dirigida apenas à política café-com-leite, mas à hegemonia angariada por São Paulo no governo federal.

Além disso, esse artigo, de acordo com Morais, também tornava público o resultado

de uma conspiração em que Chateaubriand se metera pessoalmente meses antes, para convencer o governador Antônio Carlos a três graves decisões que iriam mudar o rumo da história do Brasil: primeiro, retirar sua própria pré-candidatura à Presidência; segundo, rejeitar qualquer solução proposta pelo Palácio do Catete para dar continuidade à política do café-com-leite; e, por fim, apoiar o nome de Getúlio Vargas como candidato de oposição a Washington Luís (MORAIS, 1994:197).

Conforme a citação, o posicionamento de Antônio Carlos frente ao cenário pré-eleitoral, de não se candidatar, o que seria compreensível, considerando a continuidade da política café-com-leite, depois a rejeição de acordos com o Catete, que configuraria oposição total ao governo e por fim o apoio a um candidato periférico, foi fundamental para os rumos seguidos depois, principalmente para a formação do movimento de 1930 que desembocou na revolução.

Esse episódio demonstra não apenas a singularidade e fragilidade daquele momento político, mas também a proporção do comprometimento e envolvimento de Chateaubriand com as

transformações na política nacional. Segundo Fernando Morais, “a atividade jornalística não inibia sua aberta participação política. Representando a Paraíba (onde não punha os pés havia anos), em setembro ele foi incluído entre os delegados à Convenção Nacional da Aliança Liberal que iria sacramentar a chapa Getúlio Vargas-João Pessoa” (MORAIS, 1994:203). Como afirmou Morais nessa citação, o posicionamento e apoio de Chateaubriand à Aliança Liberal eram declarados, assim como seu prestígio dentro dela.

Muitos viram nesse empenho de Chateaubriand, em unir os estados numa coligação oposicionista, um oportunismo interesseiro, considerando o substancial aumento de sua rede jornalística entre os meses de campanha. O próprio Osvaldo Aranha impediu a compra do *Correio do Povo* por Chateaubriand, por temer seu súbito crescimento e poder de intervenção jornalística. Mesmo assim, em menos de um ano, o jornalista adquiriu cinco jornais bem-localizados, fechando uma rede de seis jornais e uma revista, todos a serviço da Aliança Liberal, e conseqüentemente adquiridos, em grande parte, com seu apoio financeiro.

De acordo com Morais, Chateaubriand teria aproveitado o momento para “voar mais alto. E, sempre que possível, no vácuo do foguete em que se transformara a Aliança Liberal” (MORAIS, 1994:203). Sem desconsiderar o perfil investidor do jornalista, seu instinto para negócios, como enfatizou Fernando Morais, não podemos reduzir seu posicionamento a interesses comerciais, pois toda a sua campanha e críticas contra o governo federal antecederam muito a formação do cenário em que se encontrava o Brasil no ano de 1929.

O livro *Terra desumana: a vocação revolucionária do presidente Arthur Bernardes*², publicado em 1926, é um exemplo da formulação da crítica de Chateaubriand, elaborada ainda no governo de Arthur Bernardes. Devido à censura desse governo, foi publicado somente depois, com a sucessão presidencial por Washington Luís.

Entretanto, Assis Chateaubriand apresentou não apenas a mais

² Essa obra, com 213 páginas, chegou às livrarias no final de 1926 e logo obteve sucesso. Teve duas edições seguidas com cerca de oito milheiros de exemplares. No entanto, seu conteúdo sempre foi interpretado como instrumento de vingança do autor contra o Presidente, conforme crítica de José Júlio Martins, que afirmou: “Chateaubriand não escreveu seu livro para defender idéias, mas apenas como vingança, por ter sido impedido por Bernardes de ganhar algumas centenas de milhares de libras de comissão pelo fracassado contrato com a Itabira Iron Ore” (MARTINS, apud MORAIS, 1994:167). É claro que ao analisarmos esta crítica precisamos considerar quem a escreveu, pois José Júlio Martins era amigo pessoal de Bernardes. *Terra desumana* somente foi reconhecida como séria após a morte de seu autor, por Wilson Martins, que a definiu como uma análise profunda do caráter e da mentalidade da política do povo brasileiro.

contundente ofensa à pessoa de um ex-presidente, mas também à República brasileira em seu aparato institucional, e também expôs sua proposta para a política nacional. Através da figura de Arthur Bernardes, criticou a autocracia: “O que ele ainda está tentando fazer no Brasil é uma verdadeira e completa revolução branca, revelando ao país uma vocação autocrata” (CHATEAUBRIAND, 1936:37). De maneira semelhante, Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*³, publicado dez anos depois, afirmou que no Brasil frequentemente nos encontramos lutando por personalismos, ou seja, por interesses próprios (HOLANDA, 1973:138).

Dessa forma, em crítica semelhante, Chateaubriand apontou como solução dos problemas brasileiros a eleição de um estadista que, “totalizando os valores do seu tempo, faz da sua vida uma unidade de tal modo dependente das outras unidades concorrentes do conjunto social que, cada uma delas, sem embargo das suas particularidades individuais, nele se completa e por ele se realiza no sentido do universal” (CHATEAUBRIAND, 1936:42). Mesmo que no sentido profundo da defesa, para o jornalista, um estadista deveria ser o homem disposto a colocar os interesses da nação acima dos pessoais, pois “o maior gênio político é precisamente aquele que concilia na sua ação coordenadora, na sua aspiração para a unidade, o maior número de antíteses” (id., ibid.). Em proposição semelhante, para Sérgio Buarque de Holanda, o chefe da nação deveria seguir a fórmula de Bentham: “A maior felicidade para o maior número” (HOLANDA, 1973:139).

Dentro do contexto dos anos de 1920-1930, no último ano do governo de Washington Luís culminaram descontentamentos nas mais diversas áreas: na economia, a crise do café e a quebra da bolsa de valores norte-americana empurraram o país à bancarrota total; na política, o estado de sítio promulgado durante todo o governo de Arthur Bernardes e as perseguições políticas lideradas por Washington Luís causaram uma atmosfera de desconfiança, além, é claro, das deficiências nas áreas de saúde e educação, muito enfatizadas tanto por Chateaubriand quanto por Sérgio Buarque. Enfim, os mais diversos grupos ansiavam por mudanças, e as eleições de 1930, para Chateaubriand, seriam decisivas para a solução dos problemas nacionais.

O envolvimento de Chateaubriand com a cúpula da Aliança Liberal lhe possibilitou desfrutar da posição de membro desse fechado

³ Em nossa dissertação de mestrado procuramos demonstrar que o cerne da obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, foi escrito ainda nos anos de 1929-1930, durante a estada de Sérgio Buarque na Alemanha, e ainda se relaciona diretamente aos seus artigos publicados no mesmo período. Ver mais: MATOS, 2005; HOLANDA, 1977.

círculo de conspiração oposicionista. Seu prestígio entre os políticos mineiros e gaúchos não era gerado apenas pelo reconhecimento de serviços prestados, mas por suas posições e idéias, como reconheceu João Neves da Fontoura posteriormente em suas memórias.

Entretanto, mesmo com essa rede combatente pela causa da Aliança Liberal, ainda eram necessários jornalistas capazes de escrever bons textos, de forma a dar seriedade e respeitabilidade aos jornais, para que assim dialogassem com seus mais diversos grupos de leitores. Para os paulistas, dois jornais, o *Diário de São Paulo*, voltado mais para os industriais e cafeeiros, e o *Diário da Noite*, popular, voltado para os grupos operários; no Rio de Janeiro a mesma divisão, *O Jornal* com uma configuração séria, e o *Diário da Noite* com linguagem popular. Em Minas Gerais, o *Estado de Minas*, preocupado em atingir a população de forma geral, e em Porto Alegre, o modernizado *Diário de Notícias*, preocupado em perpetuar o apoio gaúcho à candidatura varguista. Sem esquecer, é claro, da revista *O Cruzeiro*, que atingia principalmente a ala feminina.

Nesse cenário, desde a compra do *O Jornal*, primeiro veículo e permanentemente central da Rede dos Diários Associados, já se encontrava entre os funcionários o jovem Sérgio Buarque de Holanda, que aparece modestamente com reportagens em 1927 e 1928. Sua grande aparição como repórter ocorreu em 1929, como correspondente no exterior. Segundo Chateaubriand, seria permanente sua estada na Europa e países bálticos, o que efetivamente não ocorreu.

Sérgio Buarque foi enviado à Alemanha para analisar e registrar a situação político-social da Europa frente à nova ordem social que se constituía após a Primeira Guerra Mundial. Em seu artigo “Paraíso dos bandidos e el dorado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa europeia”, vê-se sua preocupação com a imagem do Brasil.

A esse retrato das possibilidades econômicas do Brasil podemos juntar as informações e correspondências freqüentes publicadas e não menos desoladoras, sobre nossa situação política. Um jornal berlinense diz, por exemplo, de nossa Câmara dos Deputados, que é uma espécie de “far-west”. Um outro declara que nossos políticos servem-se, não raro, de bandidos perigosos para fazerem vencer as suas ambições pessoais. Ainda aqui não farei melhor que transcrever o que diz uma correspondência publicada em 5 de janeiro último pela “Lolonische Zeitung” acerca de “Lampeão” e o banditismo no nordeste. Depois de se referir ao apoio prestado pelo Padre Cícero à candidatura Júlio Prestes para a presidência da República, o articulista menciona as ligações existentes entre o “rei do sertão” e o bandido Lampeão (OJ, 19 fev. 1930:1).

A produção literária de Sérgio Buarque foi marcada por seu senso crítico e nacionalismo, insígnia, como vemos, presente em suas reportagens alemãs. A preocupação com a situação política e econômica brasileira é o eixo central de sua correspondência com *O Jornal*, conforme analisaremos mais adiante, e esse traço, podemos dizer, acompanhou o historiador por toda a sua trajetória intelectual. Ao desembarcar, a situação encontrada pelo então jornalista na Alemanha era extremamente conturbada. A França, após a retomada da Alsácia-Lorena e apropriação do Sarre, impunha sua cultura e idioma a essas regiões que durante tanto tempo foram germânicas, o que estimulava a rápida propagação do sentimento de revolta entre a população alemã.⁴

Entretanto, segundo Sérgio Buarque, “O povo alemão, saído da guerra, cercado ainda hoje de inimigos impiedosos e despeitados, exhibe um assombroso poder de adaptação às condições sociais” (OJ, 23 ago.1929:1). Quem seriam esses inimigos impiedosos? Com certeza os países vencedores da guerra que condenaram a Alemanha a indenizá-los pelos prejuízos decorrentes do conflito. Na universidade, Sérgio Buarque deparou-se com a história metódica, do início do século XX, preocupada em “despertar, afinal, na alma da nação, a consciência de si [...] devolver-lhes raízes profundas para que eles entendam que a fronteira não é interna, mas externa” (DOSSE, 2001:17). Naquele momento, de acordo com François Dosse, a função do pensador era entendida como política, formadora de consciência nacional, enraizadora de sentimentos patrióticos.

No entanto, ao lermos artigos como “Originalidade literária”, de Sérgio Buarque, publicado em 1922 no *Correio Paulistano*, podemos afirmar que o ainda estudante de Direito, mesmo antes de seu contato com a influência alemã, já enxergava uma função política para os intelectuais. Nesse artigo, sua classificação sobre o que seria “nosso” na literatura demonstrou seu espírito nacionalista. Sérgio Buarque apresentou o que seria o cerne de seu pensamento: “A emancipação intelectual não é nem podia ser um corollário fatal da emancipação política [...] que a independência intelectual de um povo não requer da emancipação política” (*Correio Paulistano*, 22 abr. 1922:2). Para Sérgio Buarque, a emancipação intelectual brasileira não é consequência terminal da política, ou seja, importante era a emancipação intelectual brasileira, a política seria então uma consequência e não ao inverso. A citação acima evidencia sua posição ante à função do intelectual como

⁴ Conforme reportagem “O ensino francês no Sarre”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 maio 1929. Ver também: RICHARD, Lionel. *A República de Weimar, 1919-1933*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

responsável pelos rumos da nação.

Dessa forma, conforme buscamos demonstrar no presente artigo, os textos jornalísticos de Sérgio Buarque de Holanda e os editoriais de Assis Chateaubriand produzidos entre 1929-1932 se relacionaram e dialogaram diretamente com seus contextos de ação e de idéias, ou seja, com o modernismo e o tenentismo, movimentos que impactaram de maneiras diferentes naquele período, um no campo literário e outro no da ação política. Seus anseios de mudança, críticas e embates pela liberdade não foram isolados em seu pensamento, e sim compartilhados por outros intelectuais, como Paulo Prado, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Por isso, a base de seus diagnósticos sobre os problemas políticos do Brasil não era inovadora, pelo contrário, outros já haviam aludido às mesmas falhas.

A inovação no pensamento de ambos paira sobre suas propostas de solução e reforma política, como apresentamos em nosso próximo capítulo. Portanto, veremos que esses princípios, nos quais deitaram as raízes teóricas e doutrinárias de suas propostas de reforma política para o Brasil, que guiaram não apenas suas obras, mas também suas práticas na imprensa, foram evidenciados durante suas ações do período pré-eleitoral de 1929 e a Revolução Constitucionalista de 1932.

FONTES

Editoriais de Assis Chateaubriand

- Pela Reação Conservadora. *O Jornal*, 2 out. 1924.
O que é jornalismo. *O Jornal*, 2 jan. 1925.
Povo-cobaia X a liberdade de comércio. *O Jornal*, 8 set. 1925.
As elites conservadoras. *O Jornal*, 22 dez. 1925.
Os políticos e a imprensa. *O Jornal*, 11 jan. 1926.
Nos altares de Monroe e Tiradentes. *O Jornal*, 10 jan. 1928.
O problema da instrução. *O Jornal*, 3 fev. 1928.
O culto da criança. *O Jornal*, 6 fev. 1928.
A ilusão revolucionária. *O Jornal*, 8 jul. 1928.
O fim da história. *O Jornal*, 14 jul. 1928.
A obra do vício. *O Jornal*, 28 nov. 1928.
O “caso” Santos Dumont. *O Jornal*, 4 dez. 1928.
Espírito cívico. *O Jornal*, 12 dez. 1928.

Artigos de Sérgio Buarque de Holanda

- Originalidade literária. *Correio Paulistano*, 22 abr. 1920.
Ariel. *Revista do Brasil*, maio 1920.
Viva o imperador. *A Cigarra*, jun. 1920.
A quimera do monroísmo. *A Cigarra*, jul. 1920.
A bandeira nacional. *A Cigarra*, ago. 1920.
O homem máquina. *A Cigarra*, mar. 1921.
O futurismo paulista. *Fon-Fon*, 10 dez. 1921.
Plágios e plagiários. *Revista do Brasil*, jun. 1921.
Manuel Bandeira. *Fon-Fon*, 18 fev. 1922.
Um homem essencial. *Estética*, set. 1924.
Perspectivas. *Estética*, abril-jun. 1925.
Idéias de hoje. *Correio da Manhã*, 19 jun. 1925.
Marinetti, homem político. *O Jornal*, 13 maio 1926.
O lado oposto e outros lados. *Revista do Brasil*, 15 out. 1926.
Conversando com Pirandello. *O Jornal*, 11 dez. 1927.
Através da Alemanha. *O Jornal*, 23 ago. 1929.
Através da Alemanha. *O Jornal*, 15 set. 1929.
Através da Alemanha. *O Jornal*, 8 nov. 1929.
O comunismo e a atualidade européia. *O Jornal*, 3 nov. 1929.
O comunismo e a atualidade européia. *O Jornal*, 23 nov. 1929.
O Marechal Pilsudski e os vícios do parlamentarismo polonês. *O Jornal*, 6 nov. 1929.

REFERÊNCIAS

ALEMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de. Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido: principais linhas de interseção. In: _____. *Masculino e feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*. In: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. Sérgio em Berlim e depois. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Rocco, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. Sérgio, o radical. In: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; Universidade de São

Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e construção da identidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 31-32, 1996.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro*: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936*: tradição, cultura e vida. Campinas, 1997. Dissertação [Mestrado].

COLEÇÃO O PENSAMENTO DE ASSIS CHATEAUBRIAND. Brasília. Fundação Assis Chateaubriand, 1992. v. 1-9.

DECCA, Edgar S. Raízes do Brasil: um ensaio das formas históricas. Disponível em: www.unicamp.br

DIAS, Maria Odila (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985.

DIAS, Maria Odila da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CÂNDIDO, Antônio (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris; MOTA, Carlos G. (Org.). *Brasil em perspectiva*. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978. p. 229.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MATOS, Júlia Silveira. Lucien Febvre e a quádrupla herança: aspectos teóricos do campo biográfico. *Biblos*: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História, v. Rio Grande, Ed. da FURG, v. 20, p. 165-178, 2006.

_____. *Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil*, diálogos com a política e a História do Brasil. Porto Alegre, 2005. Dissertação [Mestrado em História] – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*: a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal*: da informação ao sentido. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A questão nacional na República. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; LORENZO, Helena C. de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

_____. As idéias fora de tempo. In: SIMPÓSIO SOBRE A REVOLUÇÃO DE 30. Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983.

